



POLITECNICO



DIRETORES:
ALVARO R. FERRAZ e MARIO DE O. CRITTER

ANO V

SÃO PAULO — MAIO DE 1949

N.º 9

PRESTIGIEMOS O SEMINÁRIO

Uma Realização de Professores, Engenheiros e Alunos para o Estudo de Problemas de Nossa Vida Escolar.

Causas diversas, de origem externa, fizeram com que nascessem vários problemas em nossa vida escolar universitária. O espírito oportunista e insolidário que nos a compunha, consequência da deplorable situação a que chegamos a sociedade, fecundou a desvalorização de vários desses problemas.

O Seminário entre alunos e professores nasceu de uma necessidade e não se baseia e nem se propõe a fins utópicos. A redação do jornal "O Politécnico", direção de colaborar com a nobre realização, transcreve abaixo algumas palavras do Eng. Humberto Colpaert, representante do I. P. T. e membro do Conselho do Desinteresse do aluno pela Vida Escolar.

Queria dirigir algumas palavras aos alunos de agora para fazer-lhes um retrospecto da vida da Escola, desde quando fui aluno há 25 anos. Sinto-me em condições de fazê-lo, porque permaneci neste meio o tempo todo.

N' minha intenção, em breve resumo, relatar uma série de fatos que conduziu ao atual estado de coisas que tanto deitou do brilhante passado desta Casa. Esta situação chegou a ponto de induzir alunos e professores a se reunirem em Seminário, com o louável intuito de conjugar seus esforços para restabelecer o prestígio da Politécnica, apontando as deficiências e sugerindo providências oportunas e corajosas para eliminá-las.

Quando ingressei nesta Casa em 1922, encontrei um ambiente de respeito e de ordem e a Escola regida por regulamentos claros e duradouros.

Os alunos traziam um preparo sólido dos cursos secundários, que lhes permitia tirar pleno proveito do ensino aqui ministrado.

Os que tinham diploma de bacharel em Ciências e Letras do Ginasio do Estado eram dispensados do exame de admissão. O número de alunos admitidos era da ordem de 40. A frequência era obrigatória. O corpo docente era integrado, quase todo ele, por professores catedráticos, na maioria exercendo o professorado, quer particularmente, quer em repartições públicas, mantendo, portanto, contacto permanente com a prática.

A Congregação era soberana na escolha do Diretor e, quando os diplomados (em 1928), falecia Ramos de Azevedo, que fora o 2º Diretor que a Escola teve desde a sua fundação em 1894. Isto denota a estabilidade dos Diretores de então, o que assegurava perfeita continuidade administrativa. Sucedeu-lhe o

Prof. Rodolpho S. Thiago, que exercia o cargo de Secretário da Escola há mais de 20 anos, e o prestígio da Escola continuava inalterado.

Robreção, em 1939 uma revolução que depôs o governo federal e colocou outro no poder. Desde essa época para cá, o ensino, de um modo geral, começou a periclitar.

Numerosas Gincãos e Escolas, cuja finalidade era mais comercial, surgiram à sombra de sucessivos decretos, portarias e reformas do ensino e desse conjunto resultou o caos na instrução. A Escola passou a receber alunos que estavam cada vez menos preparados. A carreira do Diretor de nossa Escola

passou a ser feita pelo governo. Como as intervenções ou governadores mudavam com frequência, sucediam-se também os diretores, além das sucessões independentes da mudança de governo.

Para agravar a situação surgiu, creio que em 1937, um decreto que vedava o acúmulo de funções pu-

blicas. Como diversos professores catedráticos eram também funcionários de repartições públicas, tiveram de optar por uma das funções. As contingências da vida os obrigou a desistir da cátedra que arduamente conquistaram, porque com os vencimentos de professor não lhes era possível manter-se. A Diretoria se viu a braços com a falta de professores, que procurou remediar como pôde contratando diversos engenheiros para, em caráter de emergência, dar prosseguimento aos cursos bruscamente interrompidos. A Escola teve assim, durante alguns anos, professores "ad hoc", alguns dos quais desistiam depois de poucos meses.

A multiplicidade de leis alterando regimes escolares ou de promoção, promovendo às vezes em vésperas de exame, e de interpretação nem sempre clara, trouxe muita confusão e deu motivo a numerosas greves sempre prejudiciais ao rendimento do ensino. A essa greves se somaram outras de solidariedade com causas absolutamente estranhas à vida Politécnica, mas igualmente prejudiciais ao preparo dos novos engenheiros.

Junta-se a isso uma lei que permite a frequência livre, em consequência da qual muitos alunos deixaram de frequentar uma tantas cadeiras, ou por preguiça natural ou porque elas não eram suficientemente bem dadas.

As dificuldades do transporte também tem sua parcela na frequência dos alunos, pois muitos, chegando demasiado atrasados, não querem entrar na classe e perdem a aula inteira.

Há ainda a considerar as dificuldades oriundas do encarecimento da vida, que obrigou muitos alunos a trabalharem para se manter impedindo-os de assistir certas aulas ou roubando-lhes as horas para estudar.

Através deste rápido retrospecto, pode-se ver que múltiplas foram as causas do desequilíbrio que se tem verificado no ensino de um modo geral, cujo reflexo não podia deixar de atingir a nossa Politécnica.

Com as palavras que acabo de dirigir aos alunos de agora, quis tornar claro que essa depreciação não se verificou por circunstâncias dependentes da vontade do corpo docente ou da administração da Escola, mas tem raízes profundas nos fatos que envolveram a própria nação desde os eventos de 30.

E agora, que pouco a pouco vamos retomando o caminho da normalidade política e social, tudo faz crer que a Escola volte também a apresentar pleno rendimento no seu ritmo de trabalho, evidentemente adaptada ao estado atual da didática e da ciência, como sempre foi o seu objetivo.

Da Cátedra

S. A. G. M. A. C. S.

O repórter se sente obrigado a falar sobre o professor Lucas Nogueira Garcez, porque afinal de contas, ainda é aluno dele. Poderia parecer, a quem não conhece o Dr. Garcez, que os elogios virem consequência de suas graças para a conquista de quaisquer benefícios futuros. Aqueles que já conviveram com o mestre sabem que tal palavra não surtiria, no caso, nenhuma efeito. E acreditam na sinceridade do que vai ser dito.

Ele é um dos melhores professores da Escola. Isto não se discute mais.

Em suas aulas os alunos sentem diante de si não um simples máquina de injetar teoria, mas um ser humano igual a todos, com alma e tudo. Não apenas a solidão a profundidade dos conhecimentos distinguem Lucas Nogueira Garcez entre seus colegas. Também o fato de ser sempre acessível, e a maneira como sente e compreende nossos problemas, são coisas que o impõem à admiração dos discípulos. Admiração que vai crescendo com o tempo. E que se transforma em entusiasmo quando a gente fica sabendo que o prof. Garcez, no meio de suas múltiplas atividades, ainda acha tempo para se preocupar na procura de uma solução prática e decente para os problemas sociais.

A juventude de hoje está desorientada e desiludida com a geração anterior. Numa época como a nossa, em que o moço se sente atordado ao deparar diretamente com a desonestidade e a má fé, é animador o convívio com o Prof. Garcez, um padrão de caráter.

Tinhamos prometido colaborar de algum jeito com a SAGMACS. E esse compromisso já tem quase um ano de idade. "Antes tarde do que nunca", diz o ditado. Esquecidos nele é que fomos pedir ao Prof. Garcez que contasse aos moços da Escola, por nosso intermédio, o que são o movimento de "Economia e Humanismo" e a SAGMACS, quais os resultados práticos que tais iniciativas alcançaram em nossa terra, e que espere de colaboração podem os politécnicos prestar a essa campanha.

Com a palavra a Dr. Garcez: Querem os redatores de "O POLITECNICO" que eu exponha o significado do movimento de "ECONOMIA E HUMANISMO", ao qual pertenço juntamente com os Profs. Cintia do Prado e Atruda.

No ano passado, em palestra no Gênes Politécnico tive ocasião de indicar os portais para esse movimento que surgiu na França em 1941 — em plena guerra — liderado pelo padre dominicano Luís Joseph Lebert. Também o Prof. Cintia do Prado na n.º 36 (1947) do "Digesto Económico" em magnífica síntese apresentou os princípios básicos e as perspectivas do movimento no Brasil.

O Prof. Cintia do Prado, em seu trabalho, define o movimento como sendo "de opinião e de ação, tendo por finalidade instaurar eficientemente nas várias coleti-

vidades humanas, as condições necessárias para que todos, e não somente alguns, alcancem a máxima soma de bem individual a uma vida digna de homem, ao mesmo tempo que a possibilidade de um constante desenvolvimento de suas qualidades pessoais."

Um movimento com essas finalidades não pode deixar de entusiasmar. Por isso, depois que o Dr. Lebert, em meados de 1947, terminou o seu curso de "Economia Humana" na Escola Livre de Sociologia e Política de São Paulo, várias seções de seu curso se alaram a outras pessoas preocupadas com o imenso desequilíbrio social do país e resolveram lançar "ECONOMIA E HUMANISMO" no Brasil.

- proporcionar, entre seus membros e fora deles, trabalhos científicos (especialmente de rendimento na elaboração de uma doutrina econômica espiritualista, que recoloca a economia ao serviço do homem);
- suscitar, no seio das diversas profissões, na de certas regiões econômicas, técnicas e profissionais capazes de determinarem as condições concretas do BEM COMUM e suscitar, por meio de tomar parte nos esforços públicos ou privados, de reorganização econômica e profissional.

Não há dúvida de que o movimento é revolucionário. Basta citar certos princípios



O PROF. LUCAS GARCEZ EM SUA MESA DE TRABALHO

O movimento tem um fundo de inspiração cristã e, portanto, considera o homem, antes de tudo, um ser cuja grandeza é moral e espiritual. Entretanto, os elementos primários que determinam as condições efetivas da vida humana são consideradas como bases indispensáveis a uma catástrofe digna.

Nisso reside, a meu ver, um dos pontos principais do movimento: não desdenhar dos bens materiais primários, isto é, não considerar o homem exclusivamente como um ser espiritual. E estabelecer um programa de ação tendo em vista, além da elevação moral, também a material do homem. Por isso, os estatutos de Economia e Humanismo registam como finalidades do movimento:

- estudar, por inquérito e demais meios adequados de investigação, as realidades humanas, econômicas e sociais em sua complexidade atual;

das "Posições Clí" de "Economia e Humanismo".

"A medida que se sentiam o mal estar social e o desequilíbrio econômico, as iniciativas particulares multiplicam seus esforços, as partidas seus projetos de reformas e os Estados suas intervenções, todavia sem chegar a estabelecer a concordância, nem suprir a subalimentação de numerosas camadas de população, nem abolir a condição proletária."

Pouco particular atenção dos Politécnicos para os seguintes parágrafos:

"Não basta, com efeito, que o implememente se restabeleça o revestimento de um prédio em condições de ruir. São precisas novas estruturas de trabalho, de produção, de relações sociais. Faz-se mister planejar antecipadamente nos quadros de vida econômica e política, a serem experimentados e adaptados por etapas. Em

(Continua na pág. 2)